Análise da distribuição geográfica dos indicadores de hanseníase nos 53 municípios pertencentes à Rede PEBA no período de 2013 a 2017.

Mariana BARROS[1], Amanda GOMES[1], Bruna LIMA[1], Tânia FERNANDES[2]

[1]Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF), Campus centro, Petrolina, Pernambuco, 56304-205, Brasil.
[2]Colegiado de medicina, Campus centro, Petrolina, Pernambuco, 56304-205, Brasil.

Introdução: A hanseníase é uma doença infectocontagiosa que acomete a pele e o sistema nervoso periférico. Sua disposição geográfica está fortemente relacionada às baixas condições socioeconômicas da população, estando o Nordeste entre as regiões com os maiores índices de endemicidade da doença no Brasil. **Objetivos**: Analisar os indicadores selecionados da hanseníase nos 53 municípios dos estados da Bahia e de Pernambuco que compõem a Rede Interestadual de Atenção à Saúde do Vale do Médio São Francisco (Rede PEBA). **Metodologia**: Foi realizado estudo ecológico nos 53 municípios da Rede PEBA a partir da coleta de dados do SINAN (Sistema de Informações e Agravos), referente ao período de 2013-2017, para os indicadores: taxa de detecção anual de casos novos de hanseníase na população geral, na população de zero a 14 anos, assim como na população com grau 2 de incapacidade física (GIF 2) no momento do diagnóstico. **Resultados:** Entre 2013 e 2017, a taxa de incidência de casos novos de hanseníase na população geral foi de 37,68/100 mil habitantes. Em pelo menos um dos anos do período analisado, 41,5% (22) dos municípios da Rede PEBA apresentaram hiperendemicidade para o indicador em questão. A taxa de incidência de casos novos na população de zero a 14 anos foi de 9,89/100 mil, sendo que 51,7% (29) dos municípios eram hiperendêmicos em pelo menos um dos anos estudados. Ambas as taxas citadas indicaram média de muito alta endemicidade. A taxa de casos de hanseníase com GIF 2 no momento do diagnóstico foi relevante, 19,56/1 milhão, e 34% (18) dos municípios apresentaram taxas hiperendêmicas em ao menos um dos anos analisados. A taxa média de casos entre 2013 e 2017 indicou hiperendemia em 18,9% (10) dos municípios para os casos novos, 18,9% (10) para os casos de zero a 14 anos e 5,7% (três) para GIF 2. **Conclusão:** O estudo apontou dados preocupantes para os três indicadores analisados, com especial atenção para os casos em menores de 15 anos e GIF2, representando áreas de transmissão ativa e falha na detecção precoce dos casos, indicando a presença de prevalência oculta e bolsões de infecção na região.

Palavras chaves: endêmica; infecção; pele; condições socioeconômicas.

Agradecimentos: Agradeço à professora Tânia Fernandes pela orientação dada e às colegas de trabalho, Amanda Gomes e Bruna Lima, por tornarem esse projeto possível.